

Blue Notes | Fechamento da Semana | 11 de setembro 2020

Mercado externo continua volátil e o local deteriora ainda mais. Apesar de um esboço de recuperação ao longo da semana, o mercado americano continuou seu ajuste negativo, principalmente via setor de tecnologia. Esse movimento parece estar sendo amplificado pela incorporação dos riscos de uma eleição potencialmente contestada judicialmente nos EUA. Apesar de apostarmos no cenário de recuperação após as eleições, as incertezas de curto-prazo podem manter o mercado mais volátil nas próximas semanas. Se mesmo com o mercado internacional subindo o Brasil não mostrava muita tração, a situação atual complica ainda mais um cenário local já comprometido pelo crescente risco fiscal. Nessa semana, além da discussão fiscal, o ruído político veio de iniciativas populistas em resposta ao aumento de preços da cesta básica. Em meio a esse cenário de risco fiscal crescente, pressões localizadas de preços e atividade retomando em alta velocidade, antecipamos que o Copom deva encerrar o ciclo de cortes de juros, mantendo a Selic em 2% na próxima semana.

Composição da demanda privada mostra evolução em julho.

Os dados de atividade econômica de julho divulgados pelo IBGE mostram uma evolução interessante na composição da demanda privada, com perda de impulso da demanda derivada dos auxílios emergenciais e ganho de tração do mercado de crédito, da recomposição de estoques e do gasto corporativo. Esse perfil pode ser identificado na produção industrial, com recuperação generalizada dos setores, nas vendas do varejo, com supermercados estáveis e bens duráveis em alta, e na pesquisa de serviços, com demanda das famílias em queda e demanda corporativa em alta. Essa tendência pode se tornar ainda mais visível no último trimestre quando o valor do pagamento do auxílio emergencial será reduzido e o aumento do preço da cesta básica deve reduzir ainda mais a renda disponível das famílias.

Pressões localizadas não ameaçam inflação .

A alta de preços da cesta básica já foi capturada pelo IPCA de agosto e deve continuar a impactar os próximos indicadores devido ao repasse de aumentos já ocorridos no atacado. A grande ociosidade da economia, porém, deve impedir uma contaminação dos núcleos de inflação.

Eleições americanas entram em foco.

Restando menos de dois meses para o pleito, atenções do mercado crescem sobre quem será o próximo presidente e como ficará a nova configuração do Congresso. Na corrida para a Casa Branca, pesquisas nacionais mostram uma vantagem de cerca de 8 pontos de Biden sobre Trump. No entanto, nos EUA para conquistar a vitória não é necessário ganhar na votação nacional e sim ter a maioria do colégio eleitoral, de modo que a corrida acaba ficando restrita aos chamados *swing States*. Considerando apenas esses Estados, a vantagem de Biden cai para menos de 4 pontos, reforçando seu favoritismo, mas apontando para uma eleição mais apertada. Outro indicador que é um bom termômetro sobre a evolução da corrida é a cotação dos candidatos no mercado de apostas, que atualmente aponta para uma vantagem ao redor de 9 pontos para Biden. No Congresso, o controle da *House* provavelmente permanecerá com os democratas, enquanto para o Senado as pesquisas apontam para uma disputa acirrada. A chance de contestação judicial de um resultado extremamente apertado para a presidência, aumenta ainda mais a incerteza desse evento.

